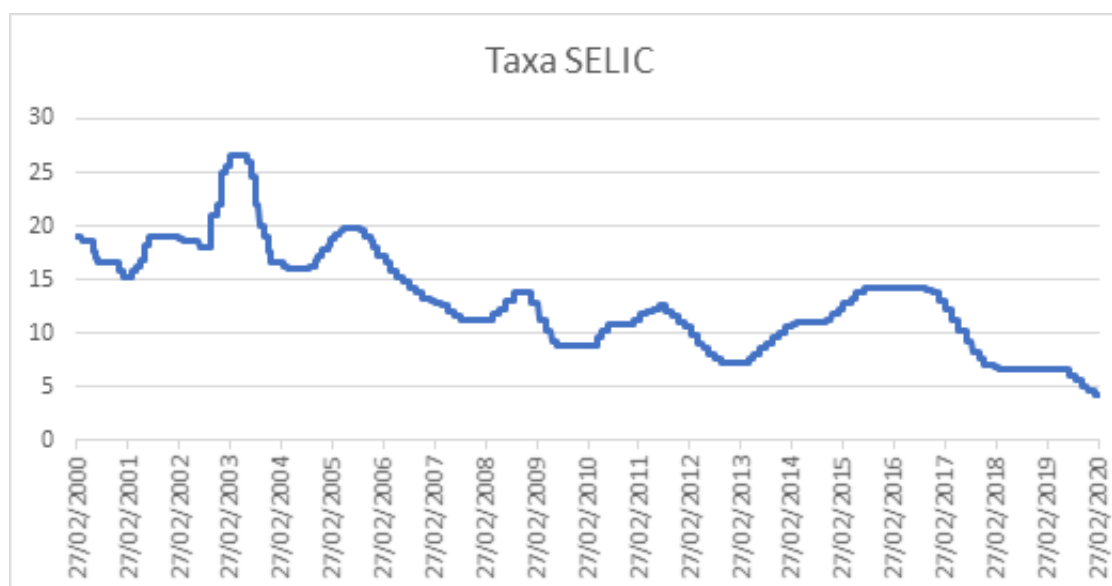


Ao longo de 2019, observamos o aprofundamento da tensão comercial entre Estados Unidos e China, com imposições de tarifas unilaterais, gerando volatilidade nos mercados financeiros. Do lado chinês, o cenário de brusca desaceleração econômica foi afastado, porém os sinais advindos da economia asiática deverão ser acompanhados de perto, atentos ao efeito do conflito comercial com os EUA nas exportações e ao fato novo trazido pela epidemia do coronavírus, que impacta a duração das restrições na movimentação de mercadorias e pessoas e atuação do Banco Central Chinês, que deverá ter seu ativismo levado ao limite buscando garantir a meta de crescimento do governo. Na América Latina, a Argentina passa por uma intensa crise econômica, com desvalorização do peso e altas taxas de inflação, afetando diretamente o setor industrial brasileiro, que possui volume expressivo de exportações para este país. Paralelamente, tensões sociais no Chile e aumento da incerteza política acabaram por contaminar a visão para a região como um todo.

No cenário brasileiro, vencido o desafio da aprovação da Reforma da Previdência, as próximas decisões de contenção de gastos deverão exigir maior ativismo do poder executivo junto ao congresso e à população, já que as pautas não têm um consenso definido e afetam diversos grupos de interesse. A reforma administrativa, imprescindível para redução do déficit público e para evitar rompimento do teto de gastos, deverá enfrentar maior resistência com seu texto advindo do executivo. Já a reforma tributária, cujo protagonismo foi assumido pelo congresso, deverá tramitar, mas não sem resistência, pois os estados terão suas receitas diretamente afetadas.

Quando falamos de Brasil, podemos observar historicamente que o país possui histórico de elevadas taxas de juros, o que propiciou aos investidores obter altas rentabilidades sem a necessidade de correr maiores riscos. O melhor exemplo dessa realidade é a taxa SELIC, considerada a taxa básica da economia, que entre 2000 e 2008, variou entre 11% e 26,5%, apresentando um ganho real de baixo risco acima das metas atuariais. Com o avanço econômico do país, a taxa SELIC caiu aos poucos, chegando a 8,75% em 2010 e a 7,25% em 2013, reduzindo os retornos para os investidores. Após passar por forte recessão, taxa básica voltou a atingir 14,25% em 2015. Neste ano, o país ajustou seu direcionamento, com novas políticas macroeconômicas, o que trouxe de volta a confiança dos investidores e a expectativa de uma recuperação econômica, dessa vez com fundamentos mais sólidos.

Após aprovar o teto de gastos e a Reforma da Previdência, a taxa Selic chegou a 4,25%, nível mais baixo desde a estabilização monetária do país. Considerando a expectativa de inflação para 2020, medida pelo boletim Focus do Banco Central, de 3,22% e a continuidade da Selic neste patamar, temos um juro real para 2020 próximo de 1%, valor abaixo das metas atuariais da Valia.



Nesse cenário, é provável que os retornos futuros das carteiras de investimento sejam menores do que no passado. Essa mudança se reflete nas metas atuariais dos planos Vale Mais e Valiaprev, que foram reduzidas de **5,5% em 2017 para 4,75% em 2020**. Esse ponto é importante para os participantes que precisam planejar o crescimento dos seus saldos de conta, realizando simulações ao longo do tempo.

Para lidar com este cenário mais desafiador, a Valia vem tomando uma série de medidas para buscar alternativas de maior retorno e eficiência. Em 2019, foram iniciados os investimentos na estratégia de Multimercados Macro, sendo realizado um rigoroso processo de seleção com a aplicação em 6 dos maiores gestores dessa classe de ativos. O retorno em seu primeiro ano foi de 158% do CDI.

No segmento de renda fixa, aumentamos a exposição a ativos de crédito bancário, buscando rentabilizar melhor a parcela pós-fixada da carteira. Além disso, na parcela de títulos atrelados a índices de preços dos perfis de investimento, realizamos uma gestão ativa da carteira, com operações táticas visando agregar valor com os movimentos do mercado.

No segmento de renda variável, aumentamos a alocação consolidada de R\$ 784 milhões em 2015 para R\$ 2,38 bilhões no final de 2019. Além disso, nos perfis de investimento, subimos a participação da gestão ativa para 80%, estratégia que possui um histórico de retornos expressivos acima do índice Ibovespa no longo prazo. A renda variável é um exemplo de investimento que costuma ter bom desempenho em um cenário de juros baixos, sendo uma importante opção de alocação.

Outra opção de diversificação são os investimentos no exterior. A alocação da Valia teve início em 2015, no subplano Vale Mais Benefício Proporcional. Em 2020 ela foi incluída nos [Ciclos de Vida](#), ficando disponível para os atuais participantes ativos.

Vale ressaltar que estes investimentos que buscam retornos maiores possuem também um nível de risco maior. Ou seja, para buscar aumentar a rentabilidade é preciso conviver com maior volatilidade, incluindo a possibilidade de retornos negativos em algumas carteiras.

Neste contexto mais desafiador, com um cenário de alta volatilidade tanto no campo doméstico, com as resistências às reformas administrativa e tributária e a conturbada relação entre executivo e legislativo, como no exterior, com a epidemia global do coronavírus, a gestão da Valia permanece em busca de oportunidades com uma atrativa relação de risco e retorno.

Fonte: Valia, em 09.03.2020